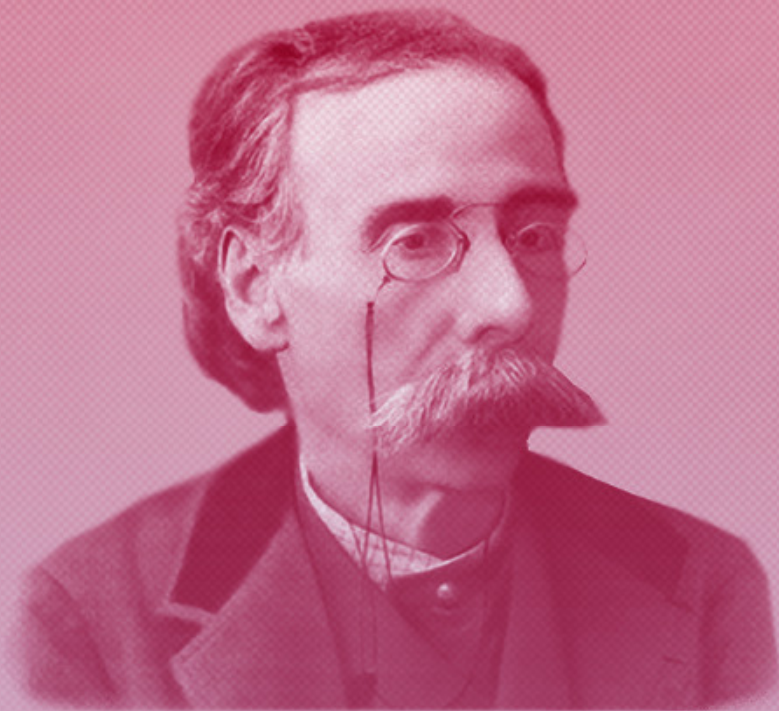


Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Camilo Castelo Branco  
*Entre a Flauta e a Viola*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Camilo Castelo Branco

## *Entre a Flauta e a Viola*

( Teatro )

---

Publicado originalmente em 1871.

**Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco  
(1825 – 1890)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 568**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor português Camilo Castelo Branco: “*Entre a Flauta e a Viola*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# ENTRE A FLAUTA E A VIOLA



## PERSONAGENS

ANICETO DA SILVA, pai de: VITORINA.

GUTERRES ARTHUR DE MIRAMAR.

JOSÉ PIMENTA.

UM CRIADO.

## ATO ÚNICO

Salão de estalagem em Barcelos. Quartos numerados desde 1 a 12, ocupando os lados, e parte do fundo. Um deles o n.º 10 tem sobranceira à porta uma vidraça ou bandeira. Sobre um canapé de palha está uma viola francesa.

## CENA I

ANICETO, VITORINA, CRIADO.

*(Ao erguer o pano vem entrando Aniceto e Vitorina precedidos de um criado com dois sacos de noite e castiçal.)*

ANICETO

Vamos a saber: temos dois quartos limpos e camas asseadas onde se passe a noite?

CRIADO

Há de haver.

ANICETO

Há de haver?! Pergunto se há.

CRIADO

Faça favor de entrar aqui para o n.º 6; e acolá em frente está o n.º 10 também de vago. *(Põe a bagagem dentro dos quartos.)*

ANICETO

Então os outros estão ocupados? Pelo que vejo reuniram-se muitos viajantes em Barcelos. Têm bom gosto! Quem está hospedado cá?

CRIADO

Nos números 1, 3, 5, 7 e 9 estão as Sras. fidalgas de Lanhoso, que são seis velhas.

ANICETO

Que faz por aqui esse mulhero?

CRIADO

Vão para os banhos da Povoá. V. S.<sup>a</sup> faça favor de fazer pouca bulha que elas recomendaram-me todo o sossego, que queriam dormir.

ANICETO

Pois que durmam. Ora que me importa cá a mim as fidalgas de Lanhoso!

CRIADO

V. S.<sup>a</sup> toma alguma coisa?

ANICETO

Queres chá, Vitorina?

VITORINA

Não quero nada. Quero deitar-me, que estou moída. O meu quarto é aquele?  
(*Apontando para o 10.*)

ANICETO (*indo examinar o quarto*) Para onde deita aquela janela?

CRIADO

Para o quintal.

ANICETO (*indeciso*)

Para o quintal? está bom... Vá... Vai-te deitar, menina. (*Ao criado*) Vá você buscar outra luz. (*O criado sai.*)

## **CENA II**

ANICETO E VITORINA.

VITORINA

Boas noites, meu pai.

ANICETO

Boas noites. Se for preciso alguma coisa, bate na porta três palmadas.

VITORINA

Ai! (*Gemido longo.*)

ANICETO

Deixemo-nos de ais, Vitorina. Juízo, juízo e juízo! (*Vitorina recolhe-se. O pai fecha a porta, e tira a chave.*)

### **CENA III**

ANICETO E O CRIADO QUE VEM COM O CASTIÇAL.

ANICETO

Diga-me cá você...

CRIADO

Meu amo, que manda?

ANICETO

Por aqui é tudo fêmeas, ou também há machos?

CRIADO

Machos?!

ANICETO

Sim, homens! Se estão homens nestes quartos.

CRIADO

Já disse que não, meu amo. Não há homens.

ANICETO

Da banda do Porto não veio passageiro nenhum?

CRIADO

Não Sr.

ANICETO

Está bom; dê cá você a luz e vá-se embora. Às 7 da manhã, chame-me se eu não estiver a pé, ouviu?

CRIADO

Sim Sr. (*Aniceto recolhe-se, e fecha-se por dentro.*)

#### **CENA IV**

GUTERRES E O CRIADO.

GUTERRES (*com um saco de viagem*)

Olá, Gregório!

CRIADO

Por cá, Sr. Guterres! Como está V. S.<sup>ª</sup>?

GUTERRES

Bom. Há quarto?

CRIADO

Há de haver. Onde vem?

GUTERRES

Da Póvoa. Venho no rasto de uma mulher divina que veio num carro. Está cá?

CRIADO (*rindo*)

Ora V. S.<sup>ª</sup> que há de sempre andar atrás de mulheres! Com esta é a sétima vez que o vejo neste fadário! E o maganão sabe-as escolher!

GUTERRES

Então viste-a, viste-a? Boa de lei, heim? Onde está ela?

CRIADO

Ali no n.º 10.

GUTERRES

Ali? Oh! que perola se esconde naquela feia concha! Quem dirá que o meu ideal sonhado há trinta e seis anos está na estalagem de Barcelos! Ali! naquele antro!

CRIADO

Sempre V. S.<sup>ª</sup> está um poeta daquela casta! Lembra-se da filha do regedor de Guilhabreu que cá esteve na festa das Cruzes há cinco anos?

GUTERRES

Lembro. Era uma trigueirita de olhos pretos...

CRIADO

E os versos que V. S.<sup>a</sup> lhe botou? a gente sempre se ria...

GUTERRES

Ah! vocês riam-se dos versos? Tens tu a felicidade bestial de te rires da poesia? O talento pôde contar com o coice até em Barcelos... Ora vamos... onde tenho eu quarto?

CRIADO (*indicando-lhe um do fundo*)

Está ali o n.º 11.

GUTERRES

Bem. Podes ir. (*Entra na alcova. O criado sai.*)

## CENA V

ANICETO SAINDO COM O CASTIÇAL EM PUNHO.

Não posso adormecer com a ideia de que há uma janela no quarto de Vitorina. Aquele maldito não me deixa sossegar em parte nenhuma. Receio que ele me siga porque o lobriguei quando passávamos em Valongo; e ela também o viu. Quem me diz a mim que o tratante nos não persegue, e anda à volta da casa? Pensa aquele valdevinos que se pôde com uma flauta arranjar uma rapariga com fortuna! Há dois anos que a minha filha está enfeitada por um trocintitas de um estudante que conseguiu seduzir o coração de uma menina que rejeitou os melhores casamentos de Penafiel e Amarante! Afinal, não hás de vencer, sarrafaçal! Eu tolherei todos os teus cálculos. Não me pilharás descuidado um instante! Mas aquela janela assusta-me. Vou fazer mudar Vitorina para o meu quarto. (*Olhando para o alto da porta*) E para além do mais esta porta tem vidraça em cima. Se ele aqui entrar, ela pôde vê-lo dali... Que imprudência eu ia cometendo! (*Bate a porta*) Vitorina, Vitorina!

VITORINA (*dentro*)

Quem é?

ANICETO

É o teu pai. Já estás na cama?

VITORINA

Não, Sr.

ANICETO

Que estás a fazer?



VITORINA

Nada. (*Dando volta à chave.*)

ANICETO

Nada? Posso entrar? (*à parte*) Lá está ela a descer a vidraça. (*Alto*) Posso entrar?

VITORINA

Pode.

ANICETO

Estavas à janela?

## CENA VI

ANICETO E VITORINA SAINDO DA ALCOVA.

VITORINA

Ai!

ANICETO

Que estavas a fazer na janela?

VITORINA

Ora o pai tem manias! Credo! Que havia de eu fazer na janela! Estava a tomar ar fresco. Não tinha sono, não podia dormir, estava muito aflita, muito oprimida, muito abafada, abri a janela, ai!

ANICETO

Pois sim, sim, minha menina. Assim será; mas troquemos os quartos. Vai para aquele, que eu vou para este. Dá cá o teu saco de noite. Vamos. Leva o castiçal. Dá-me o meu saco. Muito bem. Agora entra...

VITORINA (*entrando*)

Oh céus!

ANICETO

Sim, sim. (*Fechando a porta, e tirando a chave*) Agora vou descansado. (*Recolhe-se.*)

## CENA VII

GUTERRES

*(Caminhando contemplativo com o castiçal em punho e os olhos postos no quarto donde saiu Vitorina. Pousa o castiçal.)*

Ela ali está, a formosa como a rolinha adormecida com o bico debaixo da aza; e eu venho aqui dar pasto ao coração;... mas que pasto tão pouco nutriente! Pobre poeta! todo o teu alimento são esperanças! Em quanto a gente prosaica se embrutece com timbales de pombos e pastéis de camarão, tu, poeta (*batendo no peito*) engoles timbales de esperanças com pastéis de sonetos. Eu já sou do tempo em que um homem de gênio amava com o auxílio dos sonetos, e fazia consistir toda a sua glória de fino amante em gargarejar ternuras para um terceiro andar e recolher-se a casa com o coração a trasbordar de catarro. Hoje não. Os anjos atuais se aparecem de noite à janela é para namorar a lua, ou ver a cauda de algum cometa. Desde que entrou a moda do amor ideal, os olhos de uma senhora, que conversa com as estrelas, não descem a procurar na rua um destes amadores fanhosos, que só se sentem inspirados e eloquentes na ocasião em que a patrulha os não deixa falar. Eram de uma paciência adorável as donzelas de há vinte anos, quando no meu coração rebentavam as primeiras flores!.. Que sensaborias a gente lhe disparava lá para cima, e a santa resignação com que a gente as ouvia a elas! A virtude daquele tempo só se explica bem pela temperatura de sorvete em que os corações se conservavam de parte a parte. Isto agora é outra coisa. Um homem sente no peito o progresso material. Aqui dentro há gás, há vias-férreas, há fio elétrico, há balões, há petróleo, há tudo quanto é fogo, energia, rapidez, etc. Eu cá pelo menos sinto isso tudo; conheço que remoço, que amo e que ardo. Tenho fósforos e ácido prússico aqui dentro. (*batendo no peito*) E esta mulher! Como eu amo esta mulher desde que a vi ontem na Povoá de Varzim! Eu, na minha qualidade de escrivão do juiz eleito, estava a escrever num processo, quando ela passava luminosa e radiante como uma aurora boreal. Larguei o processo como largaria um cetro, se fosse rei. Segui-a; vi-a jantar à mesa redonda do hotel portuense. Comeu apenas uma aza de borracho e meia banana. Que estomago tão fino! É que ali está um coração imenso cheio de ternura e com mais poesia que um livro de versos. Saíram, e eu segui-os. Vi entrar o pai num escritório de viação e comprar dois bilhetes. Perguntei para onde iam os passageiros; disseram-me que para Barcelos. Pedi bilhete; mas não havia. Ó desventura! que farei? ficar? não! Há fatalidades invencíveis, funestíssimas! Esta mulher tem o meu destino nas suas mãos; disse eu comigo. com cumpre-me segui-la. Mas que farei? Não há bilhete. Embora. Alma de poeta, exclamei eu, não sucumbas! Heroicidade na desgraça, homem de coração de bronze! Segue-a! segue-a! Fui alugar um garrano, e segui-os a galope, terra a terra, a rédea solta, receando a cada passo que o coração e o garrano me rebentassem. Aqui estou. Ó mulher, mulher quem és tu? Ave do paraíso, que estás sonhando delícias do teu Éden, lembra-te, ó Eva, que és costela do homem, e que está aqui Adão digno de ti. (*Repara na viola.*) Uma viola francesa! (*Pega dela e corre-*

*lhe as cordas.) Está desafinada. Oh! que saudades me tu fazes, instrumento interprete das minhas paixões infantis! Que trovas eu descantava em noites de lua cheia ao arpejar dos teus bordões que gemiam comigo! (Pensativo) Quem sabe? (vai afinando) Quem sabe? Se tu fizesses o milagre, ó lira das canções apaixonadas! Vamos! é o fado que me impele; mas não vou tocar o fado. Inspira-me, coração, umas trovas dignas do anjo que ali está dormindo. (Avizinha-se da porta, onde presume que está Vitorina, e preludia com trejeitos de vate que invoca a inspiração do céu, e canta):*

(MUSICA DA “ALTEIA, MIMOSA ALTEIA”)

Se tu soubesses, lindinha,  
Quanto é grande o meu amor  
Não dormiras descansada  
Quando eu morro aqui de dor.

*(Alegro)*

Acorda menina,  
Não durmas agora,  
Em quanto se fina  
De dor quem te adora.

Eu na Povia descuidado  
Já não sentia desvelos,  
Eis que surges luz brilhante,  
E eu te sigo até Barcelos.

Acorda, menina,  
Não durmas agora,  
Em quanto se fina  
De dor quem te adora.

## **CENA VIII**

ANICETO E GUTERRES.

*(Aniceto abre a porta, e sai de barrete de dormir e rob-de-chambre, com a luz na mão. Guterres recua espavorido.)*

ANICETO  
Passasse muito bem.

GUTERRES

Viva.

ANICETO

Eu já vi o senhor se não me falha a memória.

GUTERRES

Sim, senhor, já tive a honra de jantar na mesa em que V. S.<sup>a</sup> estava na Povoá.

ANICETO

É verdade. Pois, V. S.<sup>a</sup> canta e toca muito bem; noutra ocasião muito lhe agradecerei o prazer de o ouvir; mas agora pedia-lhe o obséquio de se calar, porque tenho de seguir amanhã viagem e preciso dormir...

GUTERRES

Pois não, senhor! Eu deponho já o instrumento importuno.

ANICETO

Agradeço muito a sua delicadeza. Se não fosse indiscreto, perguntaria com quem tenho a honra de falar?

GUTERRES

Sou Guterres Arthur de Miramar, para o servir.

ANICETO

Então é estrangeiro? Esse nome não me parece de cá.

GUTERRES

Sou português nascido e batizado na Povoá, onde exerço funções públicas.

ANICETO

Ah! exerce funções públicas? Esse emprego deve ser bem bom.

GUTERRES

Sofrível; mas vivo mais do espírito que do funcionalismo. Sou homem de bastantes letras.

ANICETO

Ah! de bastantes letras? então é capitalista... Eu também trago um pouco de dinheiro em descontos... O juro por aqui como regula?

GUTERRES

O juro? está favorável. Um amigo meu empenhou o relógio a doze por cento ao mês. V. S.<sup>a</sup> é do Porto?

ANICETO

Não senhor, sou de Penafiel, onde sou bem conhecido por Aniceto da Silva.

GUTERRES

Oh! pois não, Sr. Aniceto! E anda pelo Minho a divertir-se com a sua Exma. filha?

ANICETO

A divertir-me não... Isso são contos largos... se V. S.<sup>a</sup> por aqui estiver amanhã, conversaremos. Agora boas noites, que são horas de dormir.

GUTERRES

Tem razão, tem razão... Boas noites. (*Aniceto fecha-se.*)

## CENA IX

GUTERRES

Ora aí está a deidade, que eu eternizei nos meus versos! As esperanças de muitos poetas, quando se realizam, são pouco mais ou menos como esta. Este Aniceto, oferecendo-se aos meus devaneios de alma, é uma imagem que eu também ofereço como lição a todos os poetas. (*Vê-se um encapotado ao fundo, com chapéu de aba derrubada*). Mas, a final, onde é que está a filha? Foi o velhaco do criado que me enganou! É o coice da proza que bateu no peito da poesia. Filha de Aniceto, onde quer que estejas, eu te ofereço este cálix de amargura, e boas noites. (*Vai a recolher-se ao quarto.*)

## CENA X

JOSÉ PIMENTA E GUTERRES.

Pimenta (*rebuçado*)

Boas noites.

GUTERRES (*suspendendo-se*)

Boas noites.

PIMENTA

Quem é o senhor?

GUTERRES

Não respondo a encapotados de melodrama. Destape-se.

PIMENTA (*deixa cair as bandas do capote*)  
Eis-me.

GUTERRES  
Eis-me o que? Cada vez o conheço menos.

PIMENTA  
O senhor falava agora aqui em filha de Aniceto. Que há de comum entre o senhor e a filha de Aniceto?

GUTERRES  
De comum de dois? temos questão gramatical ou fisiológica?

PIMENTA  
Que tem o senhor que ver com ela?

GUTERRES  
Que tenho que ver com ela? Há muita coisa que ver: por exemplo, Barcelos, o rei dos tambores, V. S.<sup>a</sup> etc. Falta ele que ver...

PIMENTA  
O senhor sabe que da zombaria ao revolver não há mais que um passo?

GUTERRES (*sorrindo*)  
O senhor figura-se-me um patusco bastante trágico. Um trano em Barcelos não pôde ser melhor nem pior que a sua pessoa. Como se chama, posso saber?

PIMENTA  
Sou José Pimenta.

GUTERRES  
Pimenta? por isso o senhor é tão cálido!... Eu sou de apelido Mira-mar. Tenho uma alma larga e fresca como o oceano. Saibamos: o senhor namora a filha deste Aniceto? Fale franco, que tem em mim um coração de poeta e um respeitador dos direitos adquiridos. Ama a tal pequena?

PIMENTA  
Amo.

GUTERRES  
Também eu.

PIMENTA

Também o senhor?

GUTERRES

Também eu; mas há uma diferença entre nós, e vem a ser que ela a mim não me conhece, e provavelmente ao senhor ama-o.

PIMENTA

Tenho provas disso.

GUTERRES

Tem? (*Solene*) O senhor sabe que esmagou neste momento um dos mais românticos corações que batem em peito de homem? Sabe que espezinhou as florinhas de um amor nascente que borbulhavam na charneca desta alma? (*concentra-se*) Coragem! Deixe-me saborear voluptuosamente o meu fel. E então o senhor vem aqui falar-lhe? Sabe que ela está...

PIMENTA (*apontando para o quarto de Aniceto*)

Sei que está ali no N.º 10, que mo disse o criado da hospedaria.

GUTERRES (*apontando*)

Ali?

PIMENTA

Ali sim. O senhor também o deve saber. Espere... (*reparando na vidraça sobranceira à porta.*) Vejo um vulto de cara por detrás daqueles vidros.. O senhor não vê?

GUTERRES

Sim, eu vejo lá o que quer que seja.

PIMENTA

É ela que me conheceu a voz. Quer outra prova?

GUTERRES

Não senhor, estou satisfeito. Aquela mulher é sua. Sou magnânimo até aqui!

PIMENTA

Se me fosse possível subir à altura da vidraça! Ali está uma mesa. O senhor guarda segredo? Não revela este arrojo de um amante apaixonado?

GUTERRES

O senhor chama a isso arrojo? Arrojo seria o Sr. Pimenta quebrar os caixilhos das vidraças e passar-se lá pra dentro. Pode fazê-lo que eu não digo nada.

PIMENTA (*atento nos vidros*)  
É ela. É o anjo! Lá está o rosto amado!

GUTERRES  
Vá, não perca tempo. Dê-lhe um beijo envidraçado. (*Pimenta aproxima uma banca da porta; sobe, e, ao chegar a cara aos vidros, Aniceto parte a vidraça com um murro, e põe fora a cabeça.*)

ANICETO  
Ah cão!

PIMENTA (*saltando*)  
Traição! traição! (*Ouve-se o rodar da chave. Pimenta foge.*)

## CENA XII

ANICETO E GUTERRES.

(*O palco escuro*)

ANICETO (*correndo para Guterres*)  
Ainda aqui estás, ladrão!

GUTERRES (*acendendo um fósforo*)  
Olhe que está enganado, Sr. Aniceto. Suspenda-se. Veja que eu sou o funcionário da Povia, Guterres Arthur. (*Continua a acender fósforos.*)

ANICETO  
Mas eu vi a cara do meu algoz atrás daquela vidraça. Onde está o celerado, o canalha do flautista?

GUTERRES  
Ele toca flauta? São fatais os flautistas...

ANICETO  
Transtornou a cabeça da minha filha o infame... Onde está ele?

GUTERRES  
Safou-se. Os fósforos acabam-se. Eu vou buscar uma vela ao meu quarto.

(*Engana-se, e vai querer abrir o quarto de uma das fidalgas, que exclama de dentro.*)



VOZ DE VELHA

Quem está aí?

GUTERRES

Enganei-me.

VOZ

Um homem! que desaforo! um homem!

GUTERRES

Perdão, minha senhora; não grite tanto. V. Ex.<sup>a</sup> parece-me bastante velha pelo metal de voz, e não deve recear-se de homens.

VOZ

Que escândalo! Um homem! A empurrar a porta do quarto de uma senhora...

GUTERRES

Não se assuste. V. Ex.<sup>a</sup> em guerra de paixões é país neutro. Esteja sossegada. Durma. (*Engana-se novamente com a porta de outra fidalga.*)

VOZ

Quem bate? Quem anda aqui, mana?

GUTERRES

Cá está outra inviolável. Não é nada, minha senhora. A mana não teve perigo.

ANICETO (*saindo com uma luz do seu quarto*)

Aqui está luz. Venha cá, Sr. Miramolim.

GUTERRES

Miramar, se faz favor.

ANICETO

Que me diz à perseguição deste facínora? O senhor não lhe disse que eu estava neste quarto?

GUTERRES

Nada, eu não lhe disse coisa nenhuma. Eu bem vi que o senhor estava a espreitar pelos vidros; mas como ele disse "lá está o rosto amado" cuidei realmente que o rosto amado era o da sua pessoa. Não se aflija. O caso tem remédio. Trate a doença da sua filha pelo sistema homeopático. *Similia similibus*. Sabe latim? (*Sinal negativo*) Quer dizer: cura-se a moléstia com a mesma droga que a faz, percebe? quer dizer: a doença da sua filha é causada

pelo tal sujeito, não é? (*Sinal afirmativo*) Pois *similia similibus* arranje-lhe outro semelhante.

ANICETO

Dois? tomara eu desfazer-me deste.

GUTERRES

Outro marido, percebeu?

ANICETO

Percebi, sim, senhor; mas eu não acho que a minha filha tenha necessidade de casar com este nem com o outro.

GUTERRES (*com ênfase e rapidez*)

Sr. Aniceto, a natureza tem direitos inauferíveis. Há períodos fatais no fluido nervoso que repelem toda a violência, e a não sofrem sem que a espécie seja deteriorada por transtornos contrapostos ás evoluções palingenésicas da reprodução genesiaca, resultando daí que as evoluções abafadas disparam em atrofia do sensório e outras aberrações de graves consequências: o senhor percebe, heim?

ANICETO

As aberrações curam-se com uma boa bengala, Sr. Miramolim.

GUTERRES

Miramar, se faz favor. Vejo que V. S.<sup>a</sup> não entendeu. A sua filha há de dar-lhe grandes penas e trabalhos, se não tiver em quem empregar a atividade do seu coração: percebeu agora?

ANICETO

Muito bem. Aconselha-me então o senhor que lhe procure marido.

GUTERRES

E quanto antes.

ANICETO

O senhor é solteiro?

GUTERRES

Sou, sim senhor, porque?

ANICETO

Quer casar com a minha filha?

GUTERRES (*com gravidade*)

A sua filha, Sr. Aniceto, é uma imagem que me sorria nos meus sonhos antes de a conhecer. Eu amo-a com este coração de anjo que tenho; e, se eu já não fosse poeta, os olhos dela fariam de mim um Camões de ocasião. Mas a sua pergunta à queima-roupa é um choque tal de felicidade que me burrifica. Deixe-me tomar ar. Há comoções de alegria que achatam os bofes e sacodem todas as vísceras de um homem.

ANICETO

Não há tempo a perder. Quero livrar-me da perseguição deste bandido da flauta. Se V. S.<sup>a</sup> anui, vamos sair imediatamente de Barcelos, e onde podermos parar em paz e sossego trataremos do seu casamento com a minha Vitorina. Eu vou chamar minha filha. Quero que ela o veja e ouça falar.

GUTERRES

Não, senhor. Isto de casamento é um ato sério e solene. Corações apanhados de surpresa não me servem. A mulher, que houver de ser minha, hei de conquistá-la palmo a palmo com as armas do sentimentalismo poético. Logo que eu conhecer que consegui apaixonar sua filha, então a contemplarei como objeto matrimonial. Eu sobretudo, Sr. Aniceto, sou poeta.

ANICETO

Então que é preciso?

GUTERRES

É preciso que ela me ame espiritualmente. Eu vou começar os meus primeiros ensaios no coração da sua filha empregando os expedientes sentimentais.

ANICETO

Que vai o senhor fazer nesse caso?

GUTERRES

V. S.<sup>a</sup> não me disse que a sua filha se apaixonara pelo tal Pimenta em consequência de ele tocar flauta?

ANICETO

Foi isso.

GUTERRES

Pois eu vou empregar também a música. Pode ser que esta menina tenha a alma lírica e filarmônica e que o seu coração só possa ser abalado instrumentalmente. Faz-me o Sr. Aniceto o favor de recolher-se ao seu quarto, e esperar lá os fenômenos que se forem operando na sensibilidade da sua filha?

ANICETO

Sim senhor, eu cá vou esperar os fenómenos. (*Recolhe-se.*)

### CENA XIII

GUTERRES (*só*)

(*Guterres pega da viola, preludia, aproxima-se do quarto de Vitorina e canta em postura de inspirado*)

Eu na Pova descuidado  
Já não sentia desvelos;  
Eis que surges, luz brilhante,  
E eu te sigo até Barcelos.

Acorda, menina,  
Não durmas agora,  
Em quanto se fina  
De dor quem te adora.

Vitorina, escuta os hinos,  
Que te canta o meu amor;  
Escuta os versos divinos,  
De Guterres, trovador!

Acorda menina,  
Não durmas agora,  
Em quanto se fina  
De dor quem te adora.

(*Escutando declama:*)

Ela não se bole. Parece-me que a ouço rressonar. É a beleza que ronca nos seus sonhos inocentes. (*Reparando em José Pimenta que vem entrando*) Temos chinfrim.

### CENA XIV

JOSÉ PIMENTA, GUTERRES, VITORINA, NO QUARTO E DEPOIS NA CENA, ANICETO MAIS TARDE, E O CRIADO.

(*José Pimenta entra embuçado, medindo os passos à trágica. Chega ao meio da cena, arroja o chapéu, deixa cair a capa, cruza os braços, relançando um olhar*)

*sinistro. Depois tira da algibeira interior de uma jaqueta de pele os canudos de uma flauta, liga-os, dá dois passos à frente, e com a maior solenidade toca a ária da Sombra de Nino, da Semiramis. Guterres tem passado com a viola para o outro lado, e faz menção de se defender com uma cadeira, em quanto o outro não toca. Vitorina, assim que José Pimenta tem tocado a primeira parte da ária, começa aos empurrões à porta.)*

VITORINA (*dentro*)

Josezinho, Josezinho, eu estou aqui. Acode-me, salva-me! Arromba esta porta! (*Aniceto rompe do quarto com os braços no ar, a tempo que Vitorina faz saltar a fechadura e corre aos braços de José Pimenta, exclamando:*) José, José, quero morrer nos teus braços. Ai! (*Desmaia nos braços dele.*)

ANICETO (*ao criado que tem entrado com a luz*)

Você faz favor de me ir chamar o regedor? chame-me as autoridades todas. Ah grande facinora, cuidavas tu que em Barcelos não há justiça que vingue um pai?

GUTERRES

Sr. Aniceto, não mande chamar as autoridades. Nada de escândalos inúteis. Agora conheço que a chaga da sua filha só pôde ser curada com o pêlo do mesmo... do mesmo José Pimenta. Não há duvida que o coração desta menina está magnetizado pela música; mas o que é certo é que a propensão dela não é a viola. A alma desta senhora inclina-se para instrumento de sopro. Não é assim, Sra. D. Vitorina? Faça favor de voltar a si para responder, e desmaie depois se quiser. (*Ela abre os olhos*) É verdade ou não?

VITORINA

Ai! (*Aniceto cai prostrado numa cadeira à boca da cena.*)

GUTERRES (*a Pimenta*)

O senhor não tem habilidade senão para a flauta. Aproveite a ocasião e vá com a pequena ajoelhar-se aos pés do velho. Andem para diante. (*Empurrando-os*) Parece que nunca estiveram no teatro!

PIMENTA e VITORINA (*ajoelhando*)

Meu pai! Piedade!

ANICETO (*erguendo-se de ímpeto*)

Oh! (*Grito rouco e prolongado; com os braços afasta tragicamente da vista o espetáculo dos dois que se ajoelharam.*)

GUTERRES

Sr. Aniceto, deixemo-nos de atitudes. Abençoe a união dessas criaturas. Deixe-os casar; alegre-se com a esperança de que há de ainda ver meia dúzia de netos

a tocarem flauta; e meia dúzia de netas, com o génio da sua mãe, amando uma orquestra de sujeitos distintos desde a trompa até à corneta de chaves. Vamos, volte o seu rosto misericordioso para os propagadores da sua individualidade típica.

ANICETO

Levantem-se daí! (*Erguem-se submissos.*)

GUTERRES

Bem; estão os senhores absolvidos. Parabéns. Ó Sr. Pimenta, eu creio que algum serviço lhe fiz, provocando com esta viola o poder fascinador da sua flauta. Em recompensa, faça-me o senhor o favor de dizer se foi realmente com a ária da Sombra de Nino que enfeitiçou esta simpática jovem?

PIMENTA

Esta ária era a senha com que os nossos corações se entendiam.

GUTERRES

Ah! sim? Eu quero tocar isso no violão; vou experimentar o efeito dessa ária no coração de certas pessoas que costumam arrebatam-se fascinadas pela minha voz de tenor. (*Tange na viola o acompanhamento da Sombra de Nino, e canta:*)

Pobre poeta, ninguém te preza,  
Pobre poeta, ninguém te quer;  
Nem c'oa viola tu conseguiste  
Mover o peito de uma mulher.

(*No intervalo de uma quadra à outra. A José Pimenta*)

Isto vai bem? (*Faz na viola escalas sobre os bordões.*)

Mas não importa; vença a flauta  
A simpatia das fracas almas;  
Que eu antes quero, meus bons amigos,  
O vosso afeto e as vossas palmas.



## BIOGRAFIA

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, no Largo do Carmo, a 16 de Março de 1825. Oriundo de uma família da aristocracia de província com distante ascendência cristã-nova, era filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, nascido na casa dos Correia Botelho em São Dinis, Vila Real, a 17 de Agosto de 1778, e que teve uma vida errante entre Vila Real, Viseu e Lisboa, onde faleceu a 22 de Dezembro de 1890, tomado de amores por Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira.

Camilo foi assim perfilhado por seu pai em 1829, como “filho de mãe incógnita”. Ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos, o que lhe criou um carácter de eterna insatisfação com a vida. Foi recolhido por uma tia de Vila Real e, depois, por uma irmã mais velha, Carolina Rita Botelho Castelo Branco, nascida em Lisboa, Socorro, a 24 de Março de 1821, em Vilarinho de Samardã, em 1839, recebendo uma educação irregular através de dois Padres de província.

Na adolescência, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica e contatando a vida ao ar livre transmontana.

Com apenas 16 anos (18 de Agosto de 1841), casa-se em Ribeira de Pena, Salvador, com Joaquina Pereira de França (Gondomar, São Cosme, 23 de Novembro de 1826 - Ribeira de Pena, Friúme, 25 de Setembro de 1847), filha de lavradores, Sebastião Martins dos Santos, de Gondomar, São Cosme, e Maria Pereira de França, e instala-se em Friúme. O casamento precoce parece ter resultado de uma mera paixão juvenil e não resistiu muito tempo. No ano seguinte, prepara-se para ingressar na universidade, indo estudar com o Padre Manuel da Lixa, em Granja Velha.

O seu carácter instável, irrequieto e irreverente leva-o a amores tumultuosos (Patrícia Emília do Carmo de Barros (Vila Real, 1826 - 15 de Fevereiro de 1885), filha de Luís Moreira da Fonseca e de sua mulher Maria José Rodrigues, e a Freira Isabel Cândida).

Ainda a viver com Patrícia Emília do Carmo de Barros, Camilo publicou n'O Nacional correspondências contra José Cabral Teixeira de Morais, Governador Civil de Vila Real, com quem colaborava como amanuense.

Esse posto, segundo alguns biógrafos, surge a convite após a sua participação na Revolta da Maria da Fonte, em 1846, em que terá combatido ao lado da guerrilha Miguelista.

Devido a esta desavença, é espancado pelo “Olhos-de-Boi”, capanga do Governador Civil.

As suas irreverentes correspondências jornalísticas valeram-lhe, em 1848, nova agressão a cargo de Caçadores.

Camilo abandona Patrícia nesse mesmo ano, fugindo para casa da irmã, residente agora em Covas do Douro.

Tenta então, no Porto, o curso de Medicina, que não conclui, optando depois por Direito. A partir de 1848, faz uma vida de boêmia repleta de paixões, repartindo o seu tempo entre os cafés e os salões burgueses e dedicando-se entretanto ao jornalismo. Em 1850, toma parte na polémica entre Alexandre Herculano e o clero, publicando o opúsculo O Clero e o Sr. Alexandre Herculano, defesa que desagradou a Herculano.

Apaixona-se por Ana Augusta Vieira Plácido e, quando esta se casa, em 1850, tem uma crise de misticismo, chegando a frequentar o seminário, que abandona em 1852.

Ana Plácido tornara-se mulher do negociante Manuel Pinheiro Alves, um brasileiro que o inspira como personagem em algumas das suas novelas, muitas vezes com caráter depreciativo. Camilo seduz e rapta Ana Plácido. Depois de algum tempo a monte, são capturados e julgados pelas autoridades. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública, pelo seu conteúdo tipicamente romântico de amor contrariado, à revelia das convenções e imposições sociais. Foram ambos enviados para a Cadeia da Relação, no Porto, onde Camilo conheceu e fez amizade com o famoso salteador Zé do Telhado. Com base nesta experiência, escreveu Memórias do Cárcere. Depois de absolvidos do crime de adultério pelo Juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós (pai de José Maria de Eça de Queirós), Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, contando ele 38 anos de idade.

Entretanto, Ana Plácido tem um filho, supostamente gerado pelo seu antigo marido, que foi seguido por mais dois de Camilo. Com uma família tão numerosa para sustentar, Camilo começa a escrever a um ritmo alucinante.

Quando o ex-marido de Ana Plácido falece, a 15 de Julho de 1863, o casal vai viver para uma casa, em São Miguel de Seide, que o filho do comerciante recebera por herança do pai.

Em Fevereiro de 1869, recebeu do governo da Espanha a comenda de Carlos III.



Em 1870, devido a problemas de saúde, Camilo vai viver para Vila do Conde, onde se mantém até 1871. Foi aí que escreveu a peça de teatro “O Condenado” (representada no Porto em 1871), bem como inúmeros poemas, crônicas, artigos de opinião e traduções.

Outras obras de Camilo estão associadas a Vila do Conde. Na obra “A Filha do Arcediago”, relata a passagem de uma noite do arcediago, com um exército, numa estalagem conhecida por Estalagem das Pulgas, outrora pertencente ao Mosteiro de São Simão da Junqueira e situada no lugar de Casal de Pedro, freguesia da Junqueira. Camilo dedicou ainda o romance “A Enjeitada” a um ilustre vilacondense seu conhecido, o Dr. Manuel Costa.

Entre 1873 e 1890, Camilo deslocou-se regularmente à vizinha Póvoa de Varzim, perdendo-se no jogo e escrevendo parte da sua obra no antigo Hotel Luso-Brazileiro, junto do Largo do Café Chinês. Reunia-se com personalidades de notoriedade intelectual e social, como o pai de Eça de Queirós, José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, magistrado e Par do Reino, o poeta e dramaturgo poveiro Francisco Gomes de Amorim, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, entre outros. Sempre que vinha à Póvoa, convivia regularmente com o Visconde de Azevedo no Solar dos Carneiros.

Francisco Peixoto de Bourbon conta que Camilo, na Póvoa, “tendo andado metido com uma bailarina espanhola, cheia de salero, e tendo gasto, com a manutenção da diva, mais do que permitiam as suas posses, acabou por recorrer ao jogo na esperança de multiplicar o anêmico pecúlio e acabou, como é de regra, por tudo perder e haver contraído uma dívida de jogo, que então se chamava uma dívida de honra.

A 17 de Setembro de 1877, Camilo viu morrer na Póvoa de Varzim, aos 19 anos, o seu filho predileto, Manuel Plácido Pinheiro Alves, do segundo casamento com Ana Plácido, que foi sepultado no cemitério do Largo das Dores.

Camilo era conhecido pelo mau feitio. Na Póvoa mostrou outro lado. Conta Antônio Cabral, nas páginas d' “O Primeiro de Janeiro” de 3 de junho de 1890: “No mesmo hotel em que estava Camilo, achava-se um medíocre pintor espanhol, que perdera no jogo da roleta o dinheiro que levava. Havia três semanas que o pintor não pagava a conta do hotel, e a dona, uma tal Ernestina, ex-atriz, pouco satisfeita com o procedimento do hóspede, escolheu um dia a hora do jantar para o despedir, explicando ali, sem nenhum gênero de reservas, o motivo que a obrigava a proceder assim. Camilo ouviu o mandado de despejo, brutalmente dirigido ao pintor. Quando a inflexível hospedeira acabou de falar, levantou-se, no meio dos outros hóspedes, e disse: - A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil reis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda não o tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão. E,

puxando por cem mil reis em notas entregou-as ao pintor. O Espanhol, surpreendido com aquela intervenção que estava longe de esperar, não achou uma palavra para responder. Duas lágrimas, porém, lhe deslizaram silenciosas pelas faces, como única demonstração de reconhecimento.”

Em 1885 é-lhe concedido o título de 1.º Visconde de Correia Botelho. A 9 de Março de 1888, casa-se finalmente com Ana Plácido.

Camilo passa os últimos anos da vida ao lado dela, não encontrando a estabilidade emocional por que ansiava. As dificuldades financeiras, a doença e os filhos incapazes (considera Nuno um desatinado e Jorge um louco), dão-lhe enormes preocupações.

Desde 1865 que Camilo começara a sofrer de graves problemas visuais (diplopia e cegueira noturna). Era um dos sintomas da temida neurosífilis, o estado terciário da sífilis ("venéreo inveterado", como escreveu em 1866 a José Barbosa e Silva), que além de outros problemas neurológicos lhe provocava uma cegueira, afeitivamente progressiva e crescente, que lhe ia atrofiando o nervo óptico, impedindo-o de ler e de trabalhar capazmente, mergulhando-o cada vez mais nas trevas e num desespero suicidário. Ao longo dos anos, Camilo consultou os melhores especialistas em busca de uma cura, mas em vão. A 21 de Maio de 1890, dita esta carta ao então famoso oftalmologista aveirense, Dr. Edmundo de Magalhães Machado:

Illmo. e Exmo. Sr.,

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n’este país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas. Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Porto o nome de V. Exa. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Exa. salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso. Mas poderá V. Exa. dizer-me o que devo esperar d’esta irrupção sanguínea n’uns olhos em que não havia até há pouco uma gota de sangue? Digne-se V. Exa. perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimônia por um homem que não conhece.

A 1 de Junho desse ano, o Dr. Magalhães Machado visita o escritor em Seide. Depois de lhe examinar os olhos condenados, o médico com alguma diplomacia, recomenda-lhe o descanso numas termas e depois, mais tarde, talvez se poderia falar num eventual tratamento. Quando Ana Plácido acompanhava o médico até à porta, eram três horas e um quarto da tarde, sentado na sua cadeira de balanço, desenganado e completamente desalentado, Camilo Castelo Branco disparou um tiro de revólver na têmpora direita. Mesmo assim,

sobreviveu em coma agonizante até às cinco da tarde. A 3 de Junho, às seis da tarde, o seu cadáver chegava de comboio ao Porto e no dia seguinte, conforme o seu pedido, foi sepultado perpetuamente no jazigo de um amigo, João Antônio de Freitas Fortuna, no cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

São suas principais obras: Anátema (1851), Mistérios de Lisboa (1854), A Filha do Arcediago (1854), Livro negro do Padre Dinis (1855), A Neta do Arcediago (1856), Onde Está a Felicidade? (1856), Um Homem de Brios (1856), O Sarcófago de Inês (1856), Lágrimas Abençoadas (1857), Cenas da Foz (1857), Carlota Ângela (1858), Vingança (1858), O Que Fazem Mulheres (1858), O Morgado de Fafe em Lisboa (Teatro, 1861), Doze Casamentos Felizes (1861), O Romance de um Homem Rico (1861), As Três Irmãs (1862), Amor de Perdição (1862), Memórias do Cárcere (1862), Coisas Espantosas (1862), Coração, Cabeça e Estômago (1862), Estrelas Funestas (1862), Cenas Contemporâneas (1862), Anos de Prosa (1863), A Gratidão (incluído no volume Anos de Prosa), O Arrependimento (incluído no volume Anos de Prosa), Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado (1863), O Bem e o Mal (1863), Estrelas Propícias (1863), Memórias de Guilherme do Amaral (1863), Agulha em Palheiro (1863), Amor de Salvação (1864), A Filha do Doutor Negro (1864), Vinte Horas de Liteira (1864), O Esqueleto (1865), A Sereia (1865), A Enjeitada (1866), O Judeu (1866), O Olho de Vidro (1866), A Queda dum Anjo (1866), O Santo da Montanha (1866), A Bruxa do Monte Córdova (1867), A doida do Candal (1867), Os Mistérios de Fafe (1868), O Retrato de Ricardina (1868), Os Brilhantes do Brasileiro (1869), A Mulher Fatal (1870), Livro de Consolação (1872), A Infanta Capelista (1872), (conhecem-se apenas 3 exemplares deste romance porque D. Pedro II, imperador do Brasil, pediu a Camilo para não o publicar, uma vez que versava sobre um familiar da Família Real Portuguesa e da Família Imperial Brasileira), O Carrasco de Victor Hugo José Alves (1872), O Regicida (1874), A Filha do Regicida (1875), A Caveira da Mártir (1876), Novelas do Minho (1875-1877), A viúva do enforcado (1877), Eusébio Macário (1879), A Corja (1880), A senhora Rattazzi (1880), A Brasileira de Prazins (1882), O vinho do Porto (1884), Vulcões de Lama (1886), O clero e o sr. Alexandre Herculano (1850).

*Wikipédia  
Janeiro, 2014*